

Os
cem anos.
de Lenin
e Margaret

Marianne
Cronin

Os
cem anos
de Lenni
& Margot

Marianne
Cronin

Tradução

Flávia Souto Maior

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Marianne Cronin, 2020

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021, 2022

Copyright da tradução © Flávia Souto Maior

Todos os direitos reservados.

Título original: *The One Hundred Years of Lenni and Margot*

Preparação: Mariana Rimoli

Revisão: Laura Folgueira e Andréa Bruno

Diagramação: Márcia Matos

Capa e ilustração de capa: Estúdio Passeio

Projeto gráfico de miolo: Beatriz Borges

Composição da música “How Deep Is The Ocean”, citada na p. 75, de Irving Berlin.

Composição da música “Starry Eyed”, citada na p. 151, de Earl Shuman e Mort Garson.

Composição da música “I Fought The Law”, citada na p. 172, de Sonny Curtis.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cronin, Marianne

Os cem anos de Lenni e Margot / Marianne Cronin; tradução de Flávia Souto Maior. – 2. ed. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

352 p.

ISBN: 978-65-5535-705-9

Título original: *The one hundred years of Lenni and Margot*

1. Ficção inglesa I. Título II. Maior, Flávia Souto

22-1392

CDD 823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção inglesa

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

R. Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação

01415-002 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editora.planeta.com.br

TRECHILANTEGRADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Parte 1



Planeta



Lenni

Quando as pessoas dizem “terminal”, penso em aeroporto.

Imagino uma ampla área de check-in com pé-direito alto e paredes de vidro, os funcionários uniformizados esperando para pegar meu nome e os dados do voo, para me perguntar se eu mesma fiz minha mala, se estou viajando sozinha.

Imagino os rostos inexpressivos dos passageiros olhando para as telas, famílias se abraçando com promessas de que aquela não será a última vez. E me vejo entre eles, puxando a mala de rodinhas com tão pouco esforço sobre o piso encerado que poderia estar flutuando, enquanto olho para a tela para verificar as informações sobre meu destino.

Preciso me arrastar para fora dessa imagem e lembrar que aquele não é o tipo de terminal que se aplica a mim.

Agora, em vez disso, começaram a usar o termo “limitantes da vida”. “Crianças e jovens com doenças ‘limitantes da vida’...”

A enfermeira explica gentilmente que o hospital começou a oferecer um serviço de orientação psicológica para pacientes jovens com doenças “terminais”. Ela hesita, ruborizando.

— Sinto muito, eu quis dizer *limitantes da vida*.

Eu gostaria de me inscrever? A orientadora poderia ir até meu leito ou eu poderia ir à sala especial de orientação para adolescentes. Tem uma TV lá agora. As opções parecem infinitas, mas o termo não é novo para mim. Passei muitos dias no aeroporto. Anos.

Ainda assim, não levantei voo.

Faço uma pausa, observando o relógio de borracha pendurado no bolso em seu peito. Ele balança conforme ela respira.

— Gostaria que eu anotasse seu nome? A orientadora, Dawn, é muito amável.

— Obrigada, mas não. Já faço minha própria terapia.

Ela franze a testa e inclina a cabeça de lado.

— É mesmo?



Lenni e o padre

Fui encontrar Deus porque é uma das únicas coisas que posso fazer aqui. Dizem que quando alguém morre é porque Deus chamou a pessoa de volta para ele, então pensei em me apresentar logo de uma vez. Além disso, ouvi dizer que os funcionários são obrigados por lei a permitir que o paciente vá à capela do hospital se tiver crenças religiosas, e eu não deixaria passar a oportunidade de visitar um espaço em que ainda não havia estado e conhecer o Todo-Poderoso de uma só tacada.

Uma enfermeira de cabelo vermelho-cereja que eu ainda não tinha visto me deu o braço e me acompanhou pelos corredores dos mortos e moribundos. Devorei cada nova vista, cada novo cheiro, cada conjunto de pijamas descombinados que passava por mim.

Acho que posso dizer que minha relação com Deus é complicada. Até onde compreendo, ele é como um poço dos desejos cósmico. Já fiz pedidos umas vezes, e, em algumas delas, ele executou bem o serviço. Outras vezes, houve apenas silêncio. Ou, como passei a achar ultimamente, talvez todas as vezes em que *pensei* que Deus estava em silêncio, ele estivesse calmamente inserindo mais absurdos em meu corpo, um tipo de “dane-se” secreto por ousar contestá-lo, que só seria descoberto muitos anos depois. Um tesouro enterrado para que eu encontrasse.

Quando chegamos às portas da capela, não fiquei muito impressionada. Esperava uma elegante arcada gótica, mas o que encontrei foram duas pesadas portas de madeira com vidros quadrados foscos. Fiquei imaginando por que Deus necessitaria que seus vidros fossem foscos. O que ele estaria aprontando lá dentro?

Atrás das portas, a nova enfermeira e eu demos de cara com o silêncio.

— Ora — disse ele —, olá!

Ele devia ter uns sessenta anos, usava camisa e calça pretas e um colarinho branco. Parecia que não poderia ficar mais feliz do que estava naquele momento.

Eu o cumprimentei:

— Meritíssimo.

— Esta é a Lenni... Petters? — A Enfermeira Nova olhou para mim buscando confirmação.

— Pettersson.

Ela soltou meu braço e acrescentou com delicadeza:

— Ela é da *Ala May*.

Foi a maneira mais gentil que ela encontrou para dizer aquilo. Acho que sentiu que devia alertá-lo, pois ele parecia empolgado como uma criança ganhando um trenzinho embrulhado com um grande laço no Natal, quando, na verdade, o presente que ela estava lhe entregando estava quebrado. Ele poderia se apegar, se quisesse, mas as rodinhas já estavam caindo, e o brinquedo provavelmente não duraria até o Natal seguinte.

Peguei meu soro, que estava preso àqueles suportes com rodinhas, e fui na direção dele.

— Volto em uma hora — disse a Enfermeira Nova, e depois falou mais alguma coisa, mas eu já não estava prestando atenção. Eu estava olhando para cima, para o local de onde vinha a luz, e o brilho de todos os tons imagináveis de rosa e roxo inundava meus olhos.

— Gostou do vitral? — ele perguntou.

Uma cruz de vidro marrom atrás do altar iluminava a capela inteira. Ao redor da cruz, havia pedaços pontiagudos de vidro violeta, ameixa, fúcsia e rosa.

Parecia que o vitral inteiro estava pegando fogo. A luz se dispersava sobre o tapete, sobre os bancos e por nosso corpo.

Ele esperou pacientemente ao meu lado até eu estar pronta para olhar para ele.

— Prazer em conhecê-la, Lenni — disse ele. — Eu me chamo Arthur. — Ele apertou minha mão e ganhou pontos ao não recuar quando seus dedos tocaram a parte em que a agulha do acesso fica enfiada na pele. — Quer se sentar? — perguntou, apontando para a fileira de bancos vazios. — Muito prazer em conhecê-la.

— Você já disse.

— Já? Desculpe.

Arrastei o suporte do soro e, quando cheguei ao banco, amarrei o roupão com mais firmeza na cintura.

— Pode dizer a Deus que sinto muito por estar de pijama? — perguntei enquanto me sentava.

— Você acabou de dizer. Ele está sempre ouvindo — respondeu o padre Arthur, sentando-se ao meu lado.

Olhei para a cruz.

— Então me diga, Lenni, o que a trouxe à capela hoje?

— Estou pensando em comprar uma BMW usada.

Ele não sabia o que fazer com aquela informação, então pegou a Bíblia que estava no banco ao seu lado, folheou-a sem olhar para as páginas e voltou a colocá-la no lugar.

— Percebi que você... hum, gostou do vitral.

Confirmei com a cabeça.

Houve uma pausa.

— Você tem intervalo para o almoço?

— Como?

— É que... Eu estava me perguntando se você precisa fechar a capela e ir ao refeitório como todo mundo ou se pode passar seu intervalo aqui dentro.

— Eu, hum...

— Se bem que parece um pouco descarado você parar para almoçar, se seu dia inteiro é basicamente parado.

— Parado?

— Bem, ficar sentado em uma igreja vazia está longe de ser um trabalho pesado, não é?

— Nem sempre é tão calmo assim, Lenni.

Olhei para ele para ver se não o havia magoado, mas não dava para saber.

— Temos missa aos sábados e domingos, temos leituras da Bíblia para crianças às quartas-feiras à tarde, e recebo mais visitantes do que você imagina. Hospitais são lugares assustadores; é bom ficar em um espaço em que não há médicos ou enfermeiros.

Voltei a analisar o vitral.

— Então, Lenni, há algum motivo para a sua visita de hoje?

— Hospitais são lugares assustadores — respondi. — É bom ficar em um espaço em que não há médicos ou enfermeiros. — Acho que ouvi uma risada.

— Gostaria de ficar sozinha? — perguntou ele, mas não parecia estar magoado.

— Não exatamente.

— Gostaria de conversar sobre algo específico?

— Não exatamente.

O padre Arthur suspirou.

— Gostaria de saber sobre meu intervalo de almoço?

— Sim, por favor.

— Eu paro entre uma da tarde e uma e vinte. Como ovos com agrião no pão branco, cortado em triângulos pequenos por minha funcionária. Tenho uma sala ali. — Ele apontou para uma porta. — E levo quinze minutos para comer meu sanduíche e cinco para tomar um chá. Depois volto para cá. Mas a capela fica sempre aberta, mesmo quando estou em minha sala.

— Você recebe para fazer isso?

— Não recebo nada.

— Então como paga pelos sanduíches de ovos com agrião?

O padre Arthur riu.

Ficamos em silêncio por um tempo, e depois ele começou a falar novamente. Para um padre, ele não ficava tão confortável com o silêncio. Eu achava que o silêncio daria a Deus uma oportunidade de se fazer notar. Mas o padre Arthur não parecia gostar do silêncio, então eu e ele conversamos sobre sua funcionária, a sra. Hill, que mandava um cartão-postal a ele sempre que saía de férias e, quando voltava, ela mesma os pegava na pilha de correspondência e os afixava na porta da geladeira. Conversamos sobre como eram trocadas as lâmpadas que ficavam atrás do vitral (tem uma passagem secreta nos fundos). Conversamos sobre pijamas. E, apesar de parecer bem cansado, quando a Enfermeira Nova voltou para me buscar, ele me disse que esperava que eu retornasse.

Acho, no entanto, que ele ficou surpreso quando cheguei na tarde seguinte com um pijama limpo e livre do cateter intravenoso. A enfermeira-chefe, Jacky, não ficou muito feliz com a ideia de eu ir até lá dois dias seguidos, mas olhei nos olhos dela e disse com a voz fina:

— É muito importante para mim.

Quem consegue dizer não para uma criança à beira da morte?

Quando Jacky pediu a uma enfermeira que me acompanhasse pelos corredores, foi a Enfermeira Nova que apareceu. A de cabelo vermelho-cereja, que contrastava com o uniforme azul como se não houvesse amanhã. Ela estava na Ala May havia apenas alguns dias e ficava nervosa, principalmente perto das crianças do aeroporto, e desesperada para que alguém lhe dissesse que estava fazendo um bom trabalho. No corredor, a caminho da capela, comentei que ela era uma excelente acompanhante. Acho que ela gostou.

A capela estava vazia novamente, à exceção do padre Arthur, que estava sentado em um banco, usando uma túnica branca comprida por cima do terno preto, lendo. Não a Bíblia, mas um livro tamanho A4 com encadernação barata e uma capa de laminado

brilhante. Quando a Enfermeira Nova abriu a porta e eu, com gratidão, entrei, Arthur não se virou de imediato. A Enfermeira Nova fechou as portas, e, ao ouvir a batida pesada, ele se virou, colocou os óculos e sorriu.

— Pastor, hum... Reverendo? — A Enfermeira Nova hesitou.
— Ela, hum, a Lenni pediu para passar uma hora aqui. Tudo bem?
Arthur fechou o livro que estava em seu colo.

— É claro — ele respondeu.

— Obrigado, hum, vigário...? — disse a Enfermeira Nova.

— Padre — sussurrei. Ela fez uma careta e seu rosto ficou vermelho, o que contrastava com seu cabelo, e saiu sem dizer mais nada.

O padre Arthur e eu nos acomodamos no mesmo banco. As cores do vitral estavam tão adoráveis quanto no dia anterior.

— Hoje está vazio de novo — falei. Minha voz ecoou.

O padre Arthur não disse nada.

— Costumava ser mais movimentado? Sabe, quando as pessoas eram mais religiosas?

— É movimentado — disse ele.

Eu me virei para ele.

— Somos os únicos aqui. — Nitidamente, ele estava em negação.

— Não tem problema se não quiser falar sobre isso — continuei.

— Deve ser constrangedor. Tipo, é como se você estivesse dando uma festa e ninguém aparecesse.

— É?

— Sim. Quer dizer, você está aqui, com seu melhor vestido de festa, com lindas videiras e coisas bordadas, e...

— São vestes litúrgicas. Não é um vestido.

— Vestes litúrgicas, então. Aqui está você, com suas *vestes litúrgicas de festa*, com a mesa posta para o almoço...

— É um altar, Lenni. E não é almoço, é a eucaristia. O pão de Cristo.

— E daí? Ele não compartilha?

O padre Arthur olhou para mim.

— É para a missa de domingo. Eu não como hóstia no almoço nem almoço no altar.

— Claro, você come ovos e agrião na sua sala.

— Isso mesmo — disse ele, um pouco animado por eu ter lembrado algo sobre ele.

— Então está com tudo pronto para a festa. Tem música... — Apontei para um triste aparelho de CD e fita cassete no canto, ao lado do qual havia alguns CDs empilhados de maneira organizada. — E bastante lugar para todos sentarem. — Apontei para as fileiras de bancos vazios. — Mas ninguém vem.

— Para a minha festa?

— Exatamente. O dia todo, todos os dias, você está dando uma festa para Jesus, e ninguém está vindo. Deve ser uma sensação horrível.

— É... Hum... Bem, é um modo de ver as coisas.

— Desculpe se estou piorando a situação.

— Você não está piorando nada, mas isso não é mesmo uma festa, Lenni. É um local de adoração.

— Sim. Não, eu sei disso, mas o que estou dizendo é que entendo perfeitamente. Fiz uma festa uma vez, quando eu estava com oito anos e havia acabado de me mudar da Suécia para Glasgow. Minha mãe convidou todas as crianças da minha classe, mas ninguém foi. Se bem que, naquela época, o inglês da minha mãe não era muito bom, então é bem possível que todos tenham ido para o lugar errado, levando presentes e balões, esperando a festa começar. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesma na época.

Fiz uma pausa.

— Continue — ele pediu.

— Daí, quando estava sentada em uma das cadeiras da sala de jantar que minha mãe havia organizado em círculo, esperando alguém aparecer, eu me senti péssima.

— Sinto muito por você — disse ele.

— É isso que estou dizendo. Sei o quanto magoa quando ninguém vai à sua festa. Só queria dizer que sinto muito. Mas não

acho que deveria negar isso. Não dá para resolver um problema antes de encará-lo.

— Mas aqui *é* movimentado, Lenni. *É* movimentado porque você está aqui. *É* movimentado com o espírito do *Senhor*.

Olhei para ele.

Ele se mexeu no banco.

— E, além disso, não se deve desprezar uma certa calmaria. Este pode ser um lugar de adoração, mas também é um lugar de paz. — Ele olhou para o vitral. — Gosto de poder falar com os pacientes individualmente; isso significa que posso dar toda minha atenção a eles. E, não leve a mal, Lenni, mas acho que você pode ser uma pessoa a quem o Senhor gostaria que eu dirigisse toda a minha atenção.

Ri daquilo.

— Pensei em você na hora do almoço — eu disse. — Comeu ovo e agrião de novo hoje?

— Comi.

— E?

— Estava ótimo, como sempre.

— E a senhora...?

— Hill, sra. Hill.

— Contou sobre nossa conversa à sra. Hill?

— Não contei. Tudo que você diz aqui é confidencial. *É* por isso que as pessoas gostam tanto de vir. Elas podem falar o que quiserem sem se preocupar com quem vai ficar sabendo depois.

— Então é como se confessar?

— Não, mas, se você desejar se confessar, ficarei feliz em ajudá-la.

— Se não é uma confissão, então o que é?

— *É* o que você quiser. A capela está aqui para ser o que você precisar que ela seja.

Olhei para a fileira de bancos vazios, para o piano eletrônico coberto com uma capa bege, o quadro de informações com uma foto de Jesus. O que eu gostaria que esse lugar fosse, se pudesse ser qualquer coisa?

— Eu gostaria que fosse um lugar de respostas.

— E pode ser.

— Pode? A religião pode mesmo responder a uma pergunta?

— Lenni, a Bíblia nos ensina que Cristo pode nos conduzir à resposta de *qualquer* pergunta.

— Mas pode responder a uma pergunta de verdade? Sinceramente? Você pode me responder uma coisa sem dizer que a vida é um mistério, ou que tudo é um plano de Deus, ou que as respostas que busco virão com o tempo?

— Por que não faz a sua pergunta e trabalhamos juntos para ver como Deus pode nos ajudar a encontrar uma resposta?

Recostei no banco, que rangeu. O eco reverberou pela sala.

— Por que eu estou morrendo?



Planeta